

Uma proposta preliminar de descrição fonética e análise fonológica das consoantes da língua biafada/Guiné-Bissau

A preliminary proposal for the phonetic description and phonological analysis of consonants in the Biafada language/Guinea-Bissau

Mário Alexandre Garcia LOPES

Universidade Federal de Minas Gerais
ONG Fo kaira coworking
alexandrewal@gmail.com



Resumo: A proposta deste artigo é apresentar uma descrição fonética das consoantes do biafada e algumas reflexões sobre a organização silábica dessa língua. A língua biafada é falada por 29.500 pessoas em Guiné-Bissau, país localizado no oeste africano, em quatro dialetos, a saber: *binala*, *bubwas*, *cacandé* e *buwol*. O biafada pertence ao tronco linguístico nigero-congolês e integra a família oeste-atlântica no grupo norte. Dentre outros, destacam-se quatro estudos da tipologia linguística sobre a língua biafada: Koelle (1854), Klingenberg (1924) e Wilson (1984, 1993). No entanto, não foram feitas, ainda, descrições e análises nas áreas de fonética e fonologia para essa língua. Neste trabalho, desenvolvemos uma metodologia caracterizada, primeiramente, pela observação etnográfica, segundo, pela aquisição da língua feita através de aulas e de um encontro de escrita da língua biafada. Através dessas atividades, transcrevemos, com base no Alfabeto Fonético Internacional, 1.600 palavras e frases desta língua. Por fim, a metodologia focalizou a descrição e a análise dos sons/fones consonantais. Eles foram classificados e identificados de acordo com o modo e o ponto de articulação. Também verificamos os padrões silábicos, observando a ocorrência das consoantes nas estruturas silábicas de ataque, núcleo e coda.

Palavras-chave: biafada; consoantes biafada; padrão silábico; línguas africanas.

Abstract: The purpose of this article is to present a phonetic description of the consonants of biafada and some reflections on the syllabic organization

of this language. This language is spoken by 29,500 people in Guinea-Bissau, a country located in West Africa, in four dialects, namely: Binala, Bubwas, Cacandé, and Buwol. Biafada belongs to the Niger-Congolese linguistic stock and is part of the West-Atlantic family in the northern group. Among others, four studies of linguistic typology on the Biafada language stand out: Koelle (1854), Klingenberg (1924), and Wilson (1984, 1993). However, descriptions and analyses in the areas of phonetics and phonology for this language have not yet been made. In this work, we developed a methodology characterized, firstly, by ethnographic observation, secondly, by the acquisition of the language through classes and a writing meeting in the Biafada language. Through these two activities and based on the International Phonetic Alphabet, we transcribe 1,600 words and phrases of this language. Finally, the methodology focused on the description and analysis of consonant sounds/phones classified and identified according to manner and point of articulation. We also verified the syllabic patterns, observing the occurrence of consonants in the syllabic structures of onset, nucleus, and coda.

Keywords: biafada; biafada consonants; syllable patterns; African languages.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma descrição fonética e uma análise fonológica preliminar dos sons/fones da língua biafada, falada no sul de Guiné-Bissau. Em relação à fonética, descrevemos os sons consonantais de forma auditiva e os caracterizamos de acordo com a sua articulação. Na perspectiva fonológica, verificamos a ocorrência das consoantes na estrutura silábica. Para realizarmos essa pesquisa, primeiramente, fizemos uma observação etnográfica que nos orientou em estabelecer relacionamentos de amizade que respeitassem a cultura do povo. Depois dessa etapa, iniciamos as aulas de aquisição de língua com um mentor cultural. Durante as aulas, utilizamos o método de aquisição de língua de Thomson e Thomson (2009), que possibilita o ensino-aprendizagem em contextos de línguas ágrafas. Após a etapa de aquisição da língua, iniciamos a descrição auditiva dos sons consonantais, transcrevendo-os de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional. Classificamos os fones considerando três aspectos, a saber: o ponto de articulação, o modo e a fonação. Em seguida, analisamos os sons dentro das estruturas silábicas possíveis na língua. Além da descrição e da análise dos dados, houve uma consultoria para a checagem de todo o material transcrito. Os *corpora* totalizaram 1.600 palavras e frases documentadas tanto na aula de aquisição da língua quanto no primeiro encontro de escrita da língua biafada. Nessa pesquisa, nos baseamos nos trabalhos de Welmers (1973), Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Marchal e Reis (2012) e Barbosa e Madureira (2015).

Por fim, é importante destacar a ausência de estudos voltados para a descrição das línguas maternas de Guiné-Bissau. O conhecimento destas línguas, materializado através de pesquisas linguísticas, certamente pode contribuir para a valorização das línguas da *mama Guiné*/mãe Guiné, conscientizando-nos sobre a importância delas tanto na oralidade quanto na escrita; desconstruindo o preconceito linguístico imposto durante os 500 anos de colonização sobre o país em que as línguas guineenses eram tratadas como línguas de cidadãos iletrados e, principalmente, possibilitando ao guineense o resgate de sua “voz”, o sair do silenciamento, pois as línguas da *mama Guiné*, parafraseando a canção *Mamé* composta pelo cantor Binhan Quimor, são sombras que nos seguem todos os dias, acompanham os nossos passos, a nossa vida para crescermos, vivermos e termos vitória sempre¹.

¹ A parte parafraseada da música *Mamé* do cantor Binhan Quimor diz: “*Mamé i tipu di sol ki yardi. Mamé i sombra. Mamé i ta siguindu tudu dia na no passo, na no vida, pa no kirsí, pa no vivi, i ta djanu sempri vitória*”.

2 GUINÉ-BISSAU: GEOGRAFIA E CONTEXTO MULTILÍNGUE

Guiné-Bissau é um país localizado na costa ocidental do continente africano com uma extensão territorial de 36.125 km², contendo uma superfície habitável de 28.800 km². O país faz fronteira ao norte com o Senegal, ao leste e sudeste com a Guiné-Conacri e ao sul e oeste com o Oceano Atlântico. Em Guiné-Bissau, há um dos maiores e menos estudados arquipélagos do continente africano: o arquipélago de Bijagós, que se constitui de 88 ilhas e ilhéus das quais cerca de 20 são habitadas (REBELO; CASTRY, 2011).

Administrativamente, Guiné-Bissau é dividido em 9 regiões ou setores, a saber: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quínara, Tombali e o setor autônomo, a capital do país, Bissau.

No Mapa 1 abaixo, são mostrados os limites geográficos juntamente com as nove regiões administrativas que compõem o país de Guiné-Bissau:

Mapa 1 – Mapa político de Guiné-Bissau, 1997



Fonte: Netmaps (2023).

Guiné-Bissau tem uma diversidade linguística enorme representada por 27 línguas maternas; 1 língua oficial, o português; 1 língua nacional, o crioulo guineense; e aproximadamente 4 línguas estrangeiras (árabe, mandarim, espanhol e hindi).

Em relação às línguas maternas, elas são a primeira língua adquirida no repertório linguístico do guineense. No crioulo guineense/língua guineense, há uma expressão que capta a profundidade do termo “língua materna”. A frase popular “*língua ki no mama nel*” (“língua que nós mamamos nela”) é uma expressão metafórica que traduz o sentido de que a língua materna para o falante é como o leite materno para o bebê, isto é, a língua materna, ouvida pela primeira vez e falada dentro da família,

que fortalece o falante em suas interações sociocomunicativas e capacita-o a aprender outras línguas numa sociedade multilíngue. De acordo com Gass e Selinker (2008 *apud* BENTO, 2013), a língua materna é elemento fundamental de identidade que viabiliza um sentido de pertença a um determinado contexto cultural e social ao falante.

No estudo feito por Scantamburlo (2013), o autor enumera as seguintes línguas faladas em Guiné-Bissau, com os respectivos números de falantes (Tabela 1):

Tabela 1 — Línguas faladas em Guiné-Bissau

Língua	(%)	Número de falantes
Ano	2009	2009
Crioulo guineense	44,31%	673.880
Balanta	24,54%	373.212
Fula	20,33%	231.774
Português	11,08%	168.508
Mandinga	10,11%	153.756
Manjaco	8,13%	123.643
Pepel	7,24%	110.108
Biafada	1,97%	29.960
Bijagó	1,97%	29.960
Mancanha	1,86%	28.287
Felupe	1,48%	22.508
Nalu	0,31%	4.715
Cristãos de Geba	0,05%	760
Total	113,38%	1.951.071

Fonte: Scantamburlo (2013, p. 28).

Além dessas línguas, Scantamburlo (2013, p. 27) arrola outras línguas minoritárias faladas no país: Bagas, Baiotes, Bambaras, Banhus, Cassangas, Conhagui, Cobianas, Jacancas, Jalofos (ou Wolof), Landumãs, Padjadincas (ou Badjaranca), Saracolés (ou Soninkés), Sereres (ou Nhomincas), Tandas, Timnhés.

3 BIAFADA: POVO, LÍNGUA E PESQUISAS

O povo biafada localiza-se na região sul de Guiné-Bissau nos setores de Quínara e de Tombali, sendo distribuído em diversas aldeias dessas duas regiões. Segundo Scantamburlo (2013), há aproximadamente 29.500 biafadas no país.

Por meio da pesquisa antropológica de Bivar (2014), podemos conhecer alguns detalhes do contexto em que o povo biafada vive. No texto

abaixo, há a descrição etnográfica feita pelo antropólogo Bivar em que se pode verificar a relação entre o ambiente ecológico e as crenças culturais da etnia:

Os chãos em que se divide Quinara estão repletos de lagoas e matos onde vivem *ninkinankas* (grande serpente mítica)², florestas com árvores onde vivem *djinas*³, *djinas* do mar que habitam nas pedras da costa, *djinas* que muitas vezes se parecem com pessoas brancas, *djinas* que são bons e *djinas* que matam e fazem mal, bandos de *fengantôs*, pequenos seres que habitam os bosques de *mancháuále*⁴ e *manbôdi*⁵, *cassissas* – mortos-vivos –, pessoas que morreram antes do tempo e cirandam pelas savanas, *djinas* dos rituais de iniciação das mulheres, e mesmo aldeias inteiras de *djinas*. (BIVAR, 2014, p. 37).

Uma das características culturais do povo biafada é a sua hospitalidade, caracterizada por atividades como receber um hóspede na *moransa* (casa onde podem viver todos os familiares: esposas, filhos, sobrinhos e netos) e cuidar do hóspede, que são atitudes que trazem honra ao anfitrião.

O povo biafada vive da pesca, da agricultura de subsistência, do trabalho de carpintaria, de pedreiro e do pequeno comércio feito, principalmente, pelas mulheres que vendem os produtos retirados da horta familiar na feira diária e no *lumu* (uma feira organizada semanalmente onde são comercializados vários produtos alimentícios, eletrônicos, bacias, camisas, vestidos, bermudas, panos para roupas, sapatos, chinelos, sandálias, utensílios para cozinha – panelas, talheres e pratos). A feira do *lumu* é um momento social em que várias etnias da região sul de Guiné-Bissau, como fulas, balantas, pepéis, biafadas, mandingas se encontram para fazer comércio.

A língua biafada pertence ao tronco linguístico nigero-congolês e está dentro da família Oeste-Atlântica no Grupo Norte. O biafada se divide em quatro dialetos, a saber: (1) binala: é falado na região de Quínara, indo desde o setor de Fulacunda até a tabanka/aldeia de Nova Cintra; (2) bubwas: também é um dialeto da região de Quínara, sendo falado desde a tabanka de Madina de Bas, passando pelo setor de Empada até o setor de Buba; (3)

² *Nikinanka*: cobra *irã-cego* (jiboia) que quando atinge a altura de um tronco de palmeira desce ao mar e vira *nikinanka*, isto é, um espírito/oráculo sob a forma de serpente. A serpente em forma de espírito é semelhante aos seres humanos, porém ela é mais bonita, tem mamas e muitas vezes cabelo louro e comprido (BIVAR, 2014, p. 35).

³ *Djina*: é gênio ou espírito (BIVAR, 2014, p. 37).

⁴ *Mancháuále*: é uma árvore que produz um óleo, denominado no crioulo guineense de *site malgoss*. O óleo extraído das sementes da *mancháuále* é utilizado para untar o corpo como tratamento de diversas doenças de pele e, também, para dar de beber aos bebês na prevenção ou no tratamento de cólicas (BIVAR, 2014, p. 37).

⁵ *Manbôdi*: denominado em crioulo guineense de *pó-di-sabon*, é um arbusto cujas cinzas dos seus troncos queimados são utilizadas para fazer sabão (BIVAR, 2014, p. 37).

cacandé: conhecido como dialeto dos “biafada di tchon di Nalu”, isto é, biafadas que se miscigenaram com a etnia Nalu. Cacandé é falado na região de Tombali, que faz divisa com o país de Guiné-Cronacry. Deve-se observar que o dialeto cacandé tem influência da língua Sosso falada em Guiné-Cronacry. E, por fim, (4) buwol: dialeto falado na Zona de Gã-mamudu, zona de Gã-Karnel e Xitole. Segundo os biafadas, buwol é o dialeto mais difícil de ser compreendido pelos falantes dos outros dialetos binala, bubwas e cacandé.

Há três estudos feitos sobre a língua biafada voltados para descrições tipológicas que fazem comparações entre as línguas africanas. O biafada está inserido nesse conjunto de línguas analisadas por esses estudos. O primeiro estudo a citar a língua biafada foi do pesquisador e missionário alemão Sigismund Wilhelm Koelle. Sua pesquisa, referência na área de tipologia linguística, intitulada *Polyglotta Africana* e publicada em 1854, comparou palavras e frases em 156 línguas africanas, dentre elas, o biafada. O segundo estudo foi do linguista alemão August Klingenberg. O artigo *Die Permutationen des Biafada und des Ful*, publicado em 1924, trata da mutação de consoantes em raízes de nomes nas línguas biafada e fula. E, por fim, o terceiro estudo foi feito pelo linguista inglês William Wilson. O pesquisador documentou dados de diversas línguas maternas de Guiné-Bissau entre os anos de 1950 a 1960, sendo que o biafada foi uma das línguas pesquisadas. Deve-se destacar que as pesquisas linguísticas sobre as línguas maternas guineenses realizadas por Wilson são referências, pois ainda há poucos trabalhos voltados para a descrição e a análise linguística em Guiné-Bissau. O estudo de Wilson sobre a língua biafada foi publicado em dois artigos, a saber: *Biafada, Pajade and the ‘Polyglotta’*, de 1984, e *An Outline Description of Biafada*, de 1993. Nesses artigos, há a descrição e a análise da mutação de consoantes em raízes de nomes, de adjetivos e de verbos.

Em relação à fonética e fonologia, pode-se observar que há a ausência de estudos descritivos e de análises dessa área na língua biafada, pois as pesquisas desenvolvidas, até o momento, focalizaram os aspectos morfossintáticos da língua. Este fato pode ser notado na afirmação de Wilson (1993):

Em 1959, coletei listas de palavras e de dados sobre o sistema de classes nominais no Biafada (língua pertencente ao grupo Atlântico, Guiné-Bissau, 25.000 falantes). Em 1992, foi um prazer inesperado retornar ao país (de Guiné-Bissau) e passar uma temporada em Empada entre o povo Biafada, explorando mais profundamente a língua. Mais especificamente, focalizando o sistema verbal. Uma vez que esta era a prioridade, por razões práticas, não houve tempo para estudar qualquer aspecto da fonologia da língua. Neste artigo, o que

se apresenta é um esboço das principais características morfológicas e sintáticas da língua.⁶ (WILSON, 1993, p. 59, tradução minha).

Portanto, ainda é necessário realizar pesquisas voltadas para a descrição sonora dos fones e a análise de unidades fonológicas, como o fonema e a sílaba.

4 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa foi constituída em quatro etapas, descritas a seguir.

Na primeira etapa, entre os anos de 2014–2015, nos dedicamos a conhecer a cultura e a aprender sobre o povo biafada. Observamos diversos aspectos sociais como a organização familiar com seus respectivos laços de parentescos; os trabalhos diários (pesca, agricultura de subsistência, tarefas para o cuidado da korda ou casa); os vínculos de amizade que implicam em um relacionamento mais próximo com a família do amigo, isto é, a amizade significa participar de momentos bons ou ruins vividos pela família do amigo; a educação tanto familiar quanto escolar; as festas anuais como o tabaski, o ramadan e a festa das mantenhas ou festas das saudações no final do ano. As festas são expressões da religião islâmica vivenciada pelos biafada. Por fim, observamos o uso do repertório linguístico. Deve-se destacar que a língua biafada é utilizada com mais frequência nas tabankas/aldeias. Nessas localidades, percebe-se a presença da língua tanto no convívio familiar quanto na socialização fora da família. Já em cidades polos, como a cidade de Buba no sul de Guiné-Bissau, a língua biafada é falada na família, mas no ambiente fora de casa, provavelmente, a língua será o guineense, pois o biafada irá interagir com os falantes de outras etnias, dentre elas: o mandinga, o pepel, o fula, o balanta etc.;

Na segunda etapa, entre 2016–2017, tivemos aulas de aquisição da língua biafada. As aulas foram feitas em 15 sessões, sendo divididas em 10 partes. Nas subdivisões das sessões, havia diversos temas para as aulas como parentesco, números, pronomes, vestuário, partes do corpo, estado do tempo, flora, alimentação etc. Com o auxílio e a orientação do mentor cultural Sana Dabó, realizamos as atividades das sessões com base no material *The First Hundred Hours: Interacting about the Here and Now*

⁶ “Having collected word lists and data on the noun class system of Biafada (Atlantic group, Guinea-Bissau, 25.000 speakers) in 1959, it was an unexpected pleasure to be able to spend some time at Empada in Biafada country in 1992 exploring the language further, with special attention to the verbal system. Since this had to be the priority for practical reasons, there was no time to study the phonology in any detail. What is presented here is an outline of the main morphological and syntactical features of the languages” (WILSON, 1993, p. 59).

desenvolvido pelos linguistas Greg e Angela Thomson. Esse material auxilia na aquisição de línguas ágrafas. O enfoque está centrado nas atividades de ouvir/listening e de falar/talking partindo das menores unidades da língua como a palavra, passando pela aquisição de frases e pela compreensão de textos. Durante o processo de aquisição, o aprendiz da língua vai relacionando os aspectos linguísticos juntamente com os culturais que permeiam o povo. Também deve-se destacar que as palavras e as frases aprendidas durante as aulas foram gravadas no aparelho da marca Sony gravador de voz digital ICD-PX240;

Na terceira etapa, entre 2017–2018, nos dedicamos à atividade da audição. Primeiramente, etiquetamos todas as aulas em arquivo MP3. Em seguida, ouvimos todos os áudios sem fazer nenhum tipo de anotação, com o objetivo de captar a articulação envolvida em cada som. Durante o processo de oitiva dos dados, utilizamos o software Audacity. No terceiro momento, ouvimos o corpus, fazendo a transcrição fonética de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional. Para concluir, no final de janeiro de 2018, tivemos uma consultoria linguística para a verificação dos fones, com a carga horária de 40 horas;

Na última etapa, entre setembro e dezembro de 2018, houve a primeira oficina de escrita da língua biafada na comunidade do bairro Nema, na cidade de Buba. Antes dessa atividade, tivemos um período de dois meses de conscientização linguística em que conversamos com a comunidade do bairro sobre as contribuições que a criação de um alfabeto escrito poderia trazer para o povo biafada. Após esse processo de diálogo, reunimos os *usa ulafré*, *unal ulafré*, e jovens para marcar os dias da oficina que se realizaram em 14, 21, 28 de novembro e 5 e 12 de dezembro. Dividimos os participantes em três grupos e, sempre no final de cada encontro, celebrávamos com uma comida típica dos biafadas, o *kontchur*. Nesses grupos, havia pessoas com o domínio do alfabeto do português e pessoas que não tiveram a oportunidade socioeconômica de passar por um processo de alfabetização. As atividades foram caracterizadas por temas como caça, colheita, utensílios de casa, animais e alimentação. Em cada encontro, as pessoas lembravam das palavras inseridas nos domínios semânticos supracitados. Quem era alfabetizado em português, escrevia em biafada. É importante destacar que essa atividade foi proposta com o objetivo de proporcionar algumas diretrizes sobre a consciência fonológica do falante, isto é, como ele elabora a relação entre o som/fone da língua biafada e o grafema. Em pesquisas posteriores, esse material ajudará nas formulações de hipóteses sobre uma proposta ortográfica para a língua.

Em relação ao material dos corpora das aulas de aquisição mais a oficina de escrita, foram documentadas 1.600 palavras e frases, sendo 1.200 palavras e frases das aulas de aquisição e 400 vocábulos da oficina de escrita.

5 FONES CONSONANTAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Na descrição e na análise dos fones consonantais da língua biafada, optamos por iniciar a pesquisa pela escuta, isto é, a fonética auditiva que se baseia na transcrição dos sons através do Alfabeto Fonético Internacional. Embora haja limitações metodológicas nesse tipo de pesquisa como a falta de uma abordagem teórica ou modelo na área da fonética e da fonologia, num primeiro momento, é necessário conhecer a língua biafada por meio da fonética auditiva, pois sem essa etapa não é possível se aprofundar nas pesquisas envolvendo a organização sonora da língua biafada. Por isso, neste artigo, priorizamos a identificação do modo e do ponto de articulação das consoantes, o reconhecimento das estruturas silábicas possíveis na língua e a ocorrência dos sons consonantais nas posições silábicas. Nesta pesquisa, utilizamos como referência teórica os trabalhos de Welmers (1973), Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Marchal e Reis (2012) e Barbosa e Madureira (2015).

5.1 Oclusivas

Na língua biafada, as oclusivas não vozeadas e vozeadas ocorrem nos pontos de articulação bilabial, alveolar e velar, conforme demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 — Consoantes oclusivas

	bilabial	alveolar	velar
Oclusiva	p b b ^w	t d s	κ g

Fonte: o autor.

As consoantes bilabiais [p, b] abrangem os seguintes ambientes:

a) [p, b] aparecem na posição de ataque silábico seguido de vogal:

pu+le dʒi+bɛ
 “moça” “bolso”

b) a consoante oclusiva não vozeada [p] ocorre na primeira posição de um ataque silábico ramificado seguido da consoante vibrante simples [r]:

¹pre

“tudo” – advérbio

c) a consoante oclusiva vozeada [b] preenche a primeira posição de ataque ramificado seguido da consoante vibrante múltipla [r] ou da consoante aproximante lateral [l]:

¹brintʃi

“palmeira”

dʒa:blu¹ma

“estar contente”

As consoantes alveolares [t, d] podem ocorrer nos seguintes ambientes:

a) Em posição de ataque silábico:

tu+dʒi

“banco de sentar”

du¹wɛ

“urubu”

b) Em posição de ataque silábico ramificado, a consoante alveolar vozeada [d] antecede a vibrante múltipla [r]:

ɲẽndromɛ

“mãe”

As consoantes velares [k, g] podem ocorrer:

a) Em posição de ataque silábico:

padi¹kə

“balde”

nə¹gɛ

“vaca”

b) a consoante velar não vozeada [k] pode ocorrer em posição de ataque silábico ramificado seguido da vibrante simples [r], enquanto a velar vozeada [g] ocorre em posição de ataque silábico ramificado seguido da vibrante múltipla [r]:

bara¹kre

“ser bom”

¹grɛ

“olho”

Oclusiva labializada [b^w]

A língua biafada tem a oclusiva bilabial vozeada labializada, que é resultado de uma oclusão com arredondamento dos lábios. A consoante oclusiva vozeada labializada [b^w] pode ocorrer em posição de ataque silábico seguido das vogais [a, ɔ, o, u]:

b^wadʒama'ne 'b^wɔfe 'b^wote 'b^wusəkə
 “compadecer” “cabeça” “cabeça” “forquilha”

5.2 Nasais

No biafada, encontramos as seguintes consoantes nasais (Quadro 2):

Quadro 2 — Consoantes nasais

Nasais			
Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar
[m]	[n]	[ɲ]	[ŋ]

Fonte: o autor.

Essas consoantes podem ser observadas nos seguintes ambientes:

a) Em posição de ataque silábico:

mə'sə 'woline 'ɲa ŋɔ'ne
 “boca” “cobra” “carvão” “cantar”

b) Em posição de coda, as nasais [m, n, ɲ, ŋ] podem ocorrer em final de palavras ou no interior de palavras quando estiver antecedendo uma consoante nasal, conforme mostram os dados abaixo:

b1) Posição final de palavras:

masa'bɜm bu'gun
 “mãe” “joelho”

be'nin gə'bɔɲ
 “quatro” “sobrenome”

maŋ
 “esse” – pronome

b2) Interior de palavras:

nim ¹ mε “um”	mām ¹ māŋgə “muitas mangas”	nǽŋ ¹ ŋε “muitos tchebens (dendês)”
māŋkəm ¹ mε “muitos tchebens (dendês)”		dǽnni ¹ ε “dormir”
nǽŋ ¹ ŋε “ovo”	gũŋ ¹ ni “palha”	

5.3 Consoantes pré-nasalizadas

Além das consoantes nasais, em nossos *corpora*, identificamos a ocorrência de consoantes oclusivas e africadas pré-nasalizadas. Segundo Welmers (1973), as consoantes pré-nasalizadas das línguas pertencentes ao tronco nigero-congolês podem ter as seguintes combinações:

- uma sequência homorgânica em que a consoante nasal tem o mesmo ponto de articulação da consoante seguinte, por exemplo, [mp, nd, ŋk, ŋf, ŋv];
- uma sequência heterorgânica na qual os pontos de articulação são distintos. Normalmente nas consoantes pré-nasalizadas heterorgânicas, a nasal bilabial [m] vem no início da sequência consonantal como, por exemplo, em [md, mk].

Xavier (2015, p. 105) ressalta a importância de identificar o estatuto monofonemático ou bifonemático das consoantes pré-nasalizadas: “em termos articulatórios, as consoantes pré-nasalizadas se compõem de duas articulações, seu estatuto monofonemático ou bifonemático é muito discutido pelos especialistas”. Descobrir se as pré-nasalizadas se constituem num único segmento (estatuto monofonemático) ou em dois segmentos consonantais (estatuto bifonemático) onde a consoante nasal pode assumir a posição nuclear da sílaba é uma das principais tarefas na descrição e análise das línguas do tronco nigero-congolês.

No biafada, identificamos as seguintes consoantes pré-nasalizadas homorgânicas que se caracterizam por ter o mesmo ponto de articulação (Quadro 3):

Quadro 3 — Consoantes pré-nasalizadas

Oclusiva	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar
	mp mb	nt nd		k ŋg

Africada				n
			tʃ	ndʒ

Fonte: o autor.

Abaixo, os dados do Quadro 4 mostram palavras com consoantes pré-nasalizadas do biafada em contextos de início de palavra e no interior de palavra antecedido pelo prefixo quantificador {ma-}:

Quadro 4 – Contextos de ocorrências das consoantes pré-nasalizadas

Início de palavra	Interior de palavra {ma-} + raiz
'mpakaka “mamão”	ma'mpakaka “muitos mamões”
mbəla'ne “banana”	mambəla'ne “muitas bananas”
ntə'bə “limão”	məntə'bə “muitos limões”
ndimi'lɛ “laranja”	mandimi'lɛ “muitas laranjas”
ɲtʃo'te “caju”	maɲtʃo'te “muitos cajus”
ɲdʒa'kɛ “jaca”	maɲdʒa'kɛ “muitas jacas”
ɲkoro'sa “fruta de floresta”	maɲkoro'sa “muitas frutas de floresta”
ɲgi'jɛ “pimenta preta”	maɲgi'jɛ “muitas pimentas pretas”

Fonte: o autor.

Observando os dados acima, note-se que o estatuto das consoantes pré-nasalizadas nos contextos de início de palavra e no interior de palavra antecedido pelo prefixo quantificador {ma-} parece ser monofonemático, pois as consoantes nasais [m, n, ɲ, ŋ] não são modificadas no interior de palavra acompanhado do prefixo {ma-}. Portanto, as consoantes pré-nasalizadas assumem a posição de ataque na estrutura silábica CV. Porém, a hipótese do estatuto monofonemático das pré-nasalizadas na língua biafada deverá ser investigado em pesquisas futuras.

5.4 Vibrantes simples e múltipla

Segundo o trabalho de Ladefoged e Maddieson (1996), as vibrantes simples [r] e múltipla [r] são sons realizados com um rápido contato do articulador ativo (ápice da língua) em direção ao articulador passivo (palato duro). Na produção da vibrante simples, também conhecida como *tap*, o ápice da língua bate levemente na zona dos alvéolos. Já a vibrante múltipla ou *trill* (palavra inglesa que se refere ao trinado de pássaros) consiste em várias batidas do ápice da língua na região alveolar, gerando um movimento rápido de abertura e de fechamento entre o articulador ativo e o articulador passivo.

No biafada, as vibrantes simples [r] e a múltipla [r] foram encontradas nos seguintes ambientes:

- a) A vibrante simples [r] vem em posição de ataque silábico VCV em ambiente intervocálico:

m̩pada're	bu'dzire	nɨnama're
“pão”	“frio”	“sobrinhos”

- b) A vibrante simples [r] ocorre em posição de sílaba com ataque ramificado, CCV, antecedido pelas consoantes oclusivas e fricativa não vozeadas [p, k, f]:

'pre	barakre	bala'fre
“tudo” – advérbio	“ser bom”	“ser sábio”

- c) A vibrante múltipla [r] aparece em posição de ataque silábico CV e em posição de coda silábica CVC:

radʒi'ta	kar'lo	'ɲar
“cortar”	“vasilha”	“carne”

- d) A vibrante múltipla [r] ocorre em ataque ramificado, CCV, antecedido pelas oclusivas vozeadas [b, d, g]:

ra'bre	tʃu'wa-ɲān'drɔme	sə'grɛ
“ser grande”	“galinha-fêmea”	“macaco”

Quadro 5 – Consoantes vibrantes

Vibrante	
Simples [r]	Múltipla [r]

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Ataque silábico em posição intervocálica: VCV; • Ataque ramificado CCV antecedido pelas consoantes oclusivas e fricativas não vozeadas: [p, k, f]. | <ul style="list-style-type: none"> • Ataque silábico: CV • Coda silábica: VC • Ataque ramificado CCV antecedido pelas oclusivas vozeadas [b, d, g]. |
|---|--|

Fonte: o autor.

5.5 Fricativas

Em nossos dados, identificamos quatro segmentos fricativos na língua biafada, a saber: a bilabial vozeada [β], a labiodental não vozeada [f], a alveolar não vozeada [s] e a glotal não vozeada [h], conforme disposto no Quadro 6. As fricativas estão distribuídas nos seguintes ambientes:

- a) Em posição de ataque silábico CV, podem ocorrer as fricativas [f, s, h]:

sɐ'mi fu'to
 “escada” “comida feita com milho”

ho'kaira 'hɛbɔ
 “estar bem” “mar”

- b) Em posição intervocálica em ataque silábico CV, pode ocorrer a fricativa bilabial vozeada:

ko'βɛ ŋko'βoko'βo siβi'ti
 “cintura” “berinjela” “peneira”

- c) A fricativa [f] ocorre em sílaba com ataque ramificado CCV seguido da consoante vibrante simples [r]:

ula'frã kɛŋfrum'ban
 “ser grande” “planta medicinal usada para abrir o apetite”

- d) As fricativas [f] e [s] ocorrem em posição de coda silábica CVC:

gə'dʒas b^wu'was
 “sapato” “céu”

'tʃof ŋ'daf
 “comida sem molho” “cabra”

Quadro 6 – Consoantes fricativas

Fricativas

Bilabial vozeada [β]	Labiodental não vozeada [f]	Alveolar não vozeada [s]	Glotal não vozeada [h]
<ul style="list-style-type: none"> Ataque silábico em posição intervocálica VCV. 	<ul style="list-style-type: none"> Ataque silábico CV; Ataque ramificado CCV seguida pela vibrante simples [r]; Posição de coda silábica CVC. 	<ul style="list-style-type: none"> Ataque silábico CV; Posição de coda silábica CVC. 	<ul style="list-style-type: none"> Ataque silábico CV.

Fonte: o autor.

Na língua biafada, observa-se a predominância de fricativas não vozeadas [f, s, h]. Esse fenômeno reflete uma característica das línguas do tronco Nigero-congolês, que é a ausência de fricativas vozeadas⁷. Portanto, a língua biafada confirma essa tendência tipológica encontrada nas línguas desse tronco.

Uma possível explicação para o aparecimento somente das fricativas não vozeadas no sistema consonantal do Biafada está no fato de que as línguas tendem a manifestar consoantes em que há menor dissipação de energia durante o processo de fonação, o que inclui as fricativas não vozeadas:

Para as fricativas vozeadas, a energia da turbulência durante a produção da fricativa é menor do que a da turbulência das fricativas não vozeadas homorgânicas, visto que parte da energia da coluna de ar das vozeadas é dissipada durante a vibração das pregas vocais. Por conta dessa tarefa adicional, as condições de produção das fricativas vozeadas tal como do caso das oclusivas vozeadas, são bastante difíceis para o aparelho fonador. Essa dificuldade sugere uma menor incidência de fricativas vozeadas nas línguas do mundo. De fato, se uma língua tem fricativas vozeadas, então tem necessariamente fricativas não vozeadas, sendo o inverso raramente verificado. (BARBOSA, MADUREIRA, 2015, p. 383).

5.6 Africadas

No biafada, observamos duas consoantes africadas, dispostas no Quadro 7:

Quadro 7 – Consoantes africadas

Africada Palato-alveolar	
Não vozeada	Vozeada
[tʃ]	[dʒ]

Fonte: o autor.

⁷ “A number of Niger-Congo languages do, however, show a systematic absence of voiced fricative phonemes” (WELMERS, 1973, p. 52).

Elas ocorrem sempre em posição de ataque em sílabas CV:

'tʃere tʃu'wa dʒi'sade dʒa'lɛ
 “dente” “galinha” “cachorro” “rede”

Aproximantes palatal [j] e lábio-velar [w]

Em nossos *corpora* da língua biafada, observamos as seguintes aproximantes (Quadro 8):

Quadro 8 – Consoantes aproximantes

Aproximante		
Lateral alveolar Lateral velarizada	Palatal	Lábio-velar
[l] [ɭ]	[j]	[w]

Fonte: o autor.

As aproximantes palatal [j] e lábio-velar [w] aparecem somente em posição de ataque silábico CV, conforme mostram os dados abaixo:

je'sa gunti'jɛ wai're buwo'tʃɛ
 “peixe” “caldo de amendoim” “ser bonito” “vento”

Já a aproximante lateral apresenta duas variantes nos seguintes contextos:

A lateral [l] ocorre em posição de ataque silábico CV, conforme mostram os exemplos abaixo:

mpalɛ'lɛ gəlɔ'mar la'pɛ
 “carneiro” “muitos bichos” “panguete”

Em posição de coda CVC, verifica-se a ocorrência da lateral com articulação secundária velarizada [ɭ], isto é, nessa lateral a parte posterior da língua se move em direção ao palato mole:

udi'gɔɭ bu'naɭ kɔɭ
 “hóspede” “inhame” “sal”

Aspecto fonológico da língua: distribuição das consoantes na estrutura silábica

Com relação aos fones consonantais na estrutura silábica, encontramos a seguinte distribuição (Quadro 9):

Quadro 9 – Fones consonantais na estrutura silábica

Consoantes	<u>CV</u>	<u>CCV</u>	<u>CCV</u>	<u>CVC</u>	<u>CVV</u>
Oclusivas	p, b, b ^w , t, d, k, g	p, b, d, k, g			g
Nasais	m, n, ɲ, ŋ			m, n, ɲ, ŋ	mb, ŋk
Pré-nasalizadas	mp, mb nt, nd ɲtʃ, ɲdʒ ŋk, ŋg				
Vibrantes	r, r		r , r	r	
Fricativas	β, f, s, h	f		f, s	h
Africadas	tʃ, dʒ				
Aproximante	j, w				j, w
Aproximante lateral	l			ɭ	

Fonte: o autor.

A partir da distribuição das consoantes nas sílabas, observa-se que o padrão silábico canônico CV permite que todas as consoantes preencham o lugar de ataque silábico. Já nos demais padrões silábicos, notam-se restrições nas posições silábicas em que as consoantes ocorrem.

No molde silábico com ataque ramificado, CCV, a primeira consoante pode ser preenchida com as oclusivas [p, b, d, k, g] ou pela fricativa não vozeada [f]. Já a segunda posição do ataque ramificado é ocupada pela vibrante simples [r], quando antecedida por uma consoante oclusiva bilabial ou fricativa labiodental não vozeada, ou pela vibrante múltipla [r], quando for antecedida por uma consoante oclusiva bilabial, alveolar ou velar vozeada.

Em relação aos moldes silábicos CV e CCV, Xavier (2015) destaca que a sílaba canônica de línguas africanas é aberta, isto é, CV. Estruturas CCV são raras nas línguas africanas:

Na maioria das línguas africanas, a sílaba compreende uma vogal que ocupa a posição nuclear, acompanhada ou não de uma consoante em posição de ataque, isto é, à esquerda do núcleo. Ataques com duas consoantes são raros, geralmente são o resultado de derivação fonética via elisão vocálica. (XAVIER, 2015, p. 121).

Considerando o molde silábico com ataque seguido de ditongo, CVV, verifica-se a presença da oclusiva velar vozeada [g], da fricativa glotal não vozeada [h], das consoantes pré-nasalizadas [mb, ŋk] e das aproximantes palatal [j] e lábio-velar [w].

Por fim, em posição de coda silábica, CVC, há a ocorrência das consoantes nasais [m, n, ɲ, ŋ], da vibrante múltipla [r], das fricativas [f, s] e da lateral velarizada [ɬ]. De acordo com o estudo tipológico de Welmers (1973), há uma tendência de as línguas do tronco nigero-congolês evitarem a posição de coda silábica. Porém, se a língua apresenta a posição de coda silábica, geralmente ela não é preenchida por consoantes oclusivas.

Ainda sobre o padrão silábico CVC, Xavier (2015, p. 122) afirma que nas línguas africanas “[...] sílabas fechadas (CVC) impõem fortes restrições quanto às consoantes que podem figurar na posição de coda”. O autor exemplifica essa característica tipológica com duas línguas, a saber: o zarma e o sosso.

Na língua zarma, falada no Níger, a posição de coda em final de palavra admite somente consoantes não obstruintes [j, w, r, l, m, n, ŋ], conforme mostram os dados abaixo (OUMAROU YARO, 1993 *apud* XAVIER, 2015):

kój - “chefe”	hâm - “carne”
háw - “vaca”	túm - “lavar-se”
fâr - “arar”	căŋ - “ratinho”
ɟáŋgál - “imposto”	

Na língua sosso, falada na Guiné-Cronakry, em Serra Leoa e em Guiné-Bissau, segundo Touré (1989 *apud* XAVIER, 2015), a posição de coda silábica se reserva apenas a uma nasal que, em posição interna da palavra, adquire o mesmo ponto de articulação da consoante que ocupa a posição de ataque silábico: [kán.tá] – “guardar”. Nesse exemplo, a consoante nasal alveolar [n] tem o mesmo ponto de articulação da consoante oclusiva alveolar [t]. Já na palavra [χé.béŋ] – “tábua”, nota-se a ocorrência da nasal [ŋ] em posição de coda que possui o mesmo ponto de articulação da fricativa velar [χ].

Portanto, os resultados tipológicos encontrados na pesquisa de Welmers (1973) e a observação feita por Xavier (2015), com exemplos das línguas Oumarou e Sosso, refletem o que ocorre na língua biafada em posição de coda, pois, no biafada, a posição de coda será preenchida por consoantes que não são oclusivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, primeiramente, apresentamos as características gerais do contexto geográfico e populacional onde a língua biafada é falada, a saber: Guiné-Bissau. A língua biafada é falada por aproximadamente 29.500 falantes e pertence ao tronco linguístico nigero-congolês, sendo que ela está inserida na família Oeste-Atlântica no Grupo Norte. Essa língua possui quatro dialetos: *binala*, *bubwas*, *cacandé* e *buwol*. Em relação aos estudos linguísticos feitos sobre a língua biafada, há somente quatro estudos realizados por Koelle (1854), Klingenheben (1924) e Wilson (1984, 1993). Observando as pesquisas sobre a língua biafada, nota-se a ausência de descrições e análises voltadas para as áreas da fonética e da fonologia. A partir dessa lacuna, focalizamos numa descrição fonética auditiva dos fones consonantais da língua biafada. Pudemos identificar 31 fones consonantais, sendo 7 oclusivos [p, b, b^w, t, d, k, g], 4 nasais [m, n, ɲ, ŋ], 8 pré-nasalizados [mp, mb, nt, nd, ntʃ, ɲdʒ, ŋk, ŋg], 2 vibrantes [r, ɾ], 4 fricativas [β, f, s, h], 2 africadas [tʃ, dʒ], 2 aproximantes [j, w] e 2 laterais [l, ɭ]. Além de classificar os sons de acordo com o Alfabeto Internacional de Fonética, analisamos um aspecto fonológico, isto é, a estrutura silábica e a distribuição das consoantes nos ataques e nas codas. Observamos as seguintes estruturas:

- a) O padrão silábico canônico é CV que permite a inserção de todas as consoantes nessa posição;
- b) As sílabas com ataque ramificado CCV contêm os seguintes preenchimentos: (a) as oclusivas [p, b, d, k, g] e a fricativa não vozeada [f] podem preencher a primeira posição de ataque silábico; (b) a segunda posição do ataque ramificado é ocupada pela vibrante simples [r], quando antecedida por uma consoante oclusiva bilabial ou fricativa labiodental não vozeada, ou pela vibrante múltipla [r], quando for antecedida por uma consoante oclusiva bilabial, alveolar ou velar vozeada;
- c) A posição de coda silábica CVC é preenchida pelas consoantes nasais [m, n, ɲ, ŋ], da vibrante múltipla [r], das fricativas [f, s] e da lateral velarizada [ɭ].

Além dessas conclusões sobre a língua biafada, destacamos que essa pesquisa, conforme está expresso no título do artigo, é uma descrição fonética e uma análise fonológica preliminar. Optamos por verificar os sons de forma auditiva, pois essa metodologia era a mais adequada para a realidade no país de um estudo *in loco* com a língua. Em pesquisas

posteriores, iremos desenvolver a análise acústica dos fones tanto consonantais quanto vocálicos. Também deve-se enfatizar que um dos desafios da linguística em Guiné-Bissau é o estudo descritivo das 23 línguas maternas. Atualmente, há pesquisas realizadas sobre o português guineense e a língua guineense, sendo que em relação as línguas maternas ainda há pouco material disponível para análises mais profundas na área da fonética e da fonologia.

AGRADECIMENTOS

À comunidade biafada do bairro Nema, na cidade de Buba. Ao mentor cultural Sana Dabô pelo compromisso na valorização da língua *gandjola*. À amiga Mariatu Intchasso e aos professores Nacadi Mane Ramalho Estevão da Gama e Walquíria Béda Lopes pelo apoio logístico na realização do I Encontro de Escrita da Língua Biafada em novembro-dezembro de 2018.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica experimental**: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.

BENTO, Carla Isabel da Silva. **Aquisição de Português Língua Não Materna – o conjuntivo na interlíngua de falantes nativos de neerlandês**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Português Língua Segunda e Língua Estrangeira) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

BIVAR, Manuel. **Os chãos dos biafadas**: memória e território em Quinara, sul da Guiné-Bissau. Niterói: Editora da UFF, 2014.

KLINGENHEBEN, August von. Permutationen des Biafada und des Ful. **Zeitschrift für Eingeborenen-Sprachen**, v. 15, n. 3, p. 180-213, 1924.

KOELLE, Sigismund Wilhelm. **Polyglotta Africana**. London: Church Missionary Society, 1854.

LADEFOGED, Peter. **Vowels and Consonants**: An Introduction to the Sounds of Languages. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The Sounds of the World's Languages**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

MARCHAL, Alain; REIS, César. **Produção da Fala**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

NETMAPS. Leading Mapping Company. **Guinea Bissau Political Map**. Disponível em: <https://www.netmaps.net/digital-maps/guinea-bissau-political-map/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

REBELO, Rui; CASTRY, Paulo. O arquipélago dos Bijagós (Guiné-Bissau) – valores de biodiversidade e potencialidades para a investigação científica. **Ecologia**, v. 2, p. 8-15, 2011.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue Português-Crioulo Guineense**. 2013. 346 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

THOMSON, Greg; THOMSON, Angela. **The First Hundred Hours: Interacting about the Here and Now – Phase 1**, 2009. Disponível em: <https://www.growingparticipation.com/1-connecting>. Acesso em: 7 mar. 2023.

XAVIER, Francisco da Silva. Fonologia. In: PETTER, Margarida (org.). **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 87-126.

WELMERS, William Everett. **African Language Structures**. Los Angeles: University of California Press, 1973.

WILSON, William. An Outline Description of Biafada. **Journal of West African Languages**, v. 23, n. 2, p. 59-89, 1993.

WILSON, William. Biafada, Pajade, and the ‘polyglotta’. **Journal of West African Languages**, v. 14, n. 2, p. 61–80, 1984.

LOPES, MARIO ALEXANDRE GARCIA. UMA PROPOSTA PRELIMINAR DE DESCRIÇÃO FONÉTICA E ANÁLISE FONOLÓGICA DAS CONSOANTES DA LÍNGUA BIAFADA/GUINÉ-BISSAU. **ENTREPALAVRAS, FORTALEZA**, v. 13, n. 1, p. 2605, p. 369-391, JAN-ABR./2023. DOI: 10.22168/2237-6321-12605